



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO NA PERSPECTIVA DOS PAIS DAS
CRIANÇAS DE UMA TURMA DE MATERNAL**

ARTIGO MONOGRÁFICO DE ESPECIALIZAÇÃO

Alessiana Borin

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO
NA PERSPECTIVA DOS PAIS DAS CRIANÇAS DE UMA
TURMA DE MATERNAL**

por

Alessiana Borin

Artigo monográfico apresentado ao Curso de Pós-graduação em
Docência na Educação infantil, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Docência na Educação Infantil

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cleonice Maria Tomazzetti

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação em Docência na Educação infantil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo de Especialização

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA
PERSPECTIVA DOS PAIS DAS CRIANÇAS DE UMA TURMA DE
MATERNAL**

elaborado por
Alessiana Borin

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Cleonice Maria Tomazzetti, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Graziela Escandiel de Lima, Dr^a. (UFSM)

Sussi Abel Menini Guedes (UPF)

Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Infantil
Universidade Federal de Santa Maria

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA PERSPECTIVA DOS PAIS DAS CRIANÇAS DE UMA TURMA DE MATERNAL

AUTORA: ALESSIANA BORIN
ORIENTADORA: Prof. Dr^a. CLEONICE MARIA TOAMZZETTI
Data e Local da Defesa: Santa Maria/RS, 13 de setembro de 2013.

O presente trabalho de conclusão do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil intitulado “A representação do trabalho pedagógico na perspectiva dos pais das crianças de uma turma de maternal” teve como objetivo analisar os entendimentos que os pais e/ou responsáveis apresentam acerca do trabalho desenvolvido com crianças pequenas numa escola de Educação Infantil. Para tanto, foram utilizados os pressupostos teóricos de Moscovici (2001; 2009) e Jodelet (2001) no que tange às representações, além dos escritos de Spodek e Sarach (1998) sobre a participação dos pais na vida escolar de seus filhos e de Wadas e Souza (2000) com relação à instituição escolar. No que se refere à metodologia, a mesma caracterizou-se como abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, cujas informações foram coletadas por meio de entrevista semi-estruturada, além de registros diários de observações. A partir da análise dos dados, pode-se perceber que há a necessidade de se esclarecer junto aos pais os objetivos da Educação Infantil, rompendo-se com a ideia assistencialista que ainda persiste no atendimento à criança. Para tanto, foram desencadeadas ações que visavam uma participação efetiva dos pais na vida escolar de seus filhos; também se buscou subsidiar os pais para modificar seu entendimento inicial a respeito das funções do atendimento educacional escolar na infância.

Palavras-chave: Representação. Trabalho Pedagógico. Relação Pais-Escola.

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Infantil
Universidade Federal de Santa Maria

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA PERSPECTIVA DOS PAIS DAS CRIANÇAS DE UMA TURMA DE MATERNAL

(THE REPRESENTATION OF THE PEDAGOGICAL WORK IN THE PERSPECTIVE
OF PARENTS OF CHILDREN IN A CLASS OF MATERNAL)

AUTHORESS: ALESSIANA BORIN

ADVISER: Prof. Dr^a CLEONICE MARIA TOAMZZETTI

Data e Local da Defesa: Santa Maria/RS, 13 de setembro de 2013.

This work completion of the specialization in Teaching in Early Childhood Education entitled "The representation of pedagogical work in the perspective of parents of children in a class of maternal" aims to analyze the understandings that parents and / or guardians have about the work designed with young children in early childhood education center. For this, we used the theoretical assumptions of Moscovici (2001, 2009) and Jodelet (2001) with respect to the representations, besides the writings and Sarach Spodek (1998) on the participation of parents in the school life of their children and wadas and Souza (2000) with respect to the educational institution. With regard to methodology, the same approach was characterized as qualitative, case study, data were gathered through semi-structured interviews, and daily records of observations. From the data analysis, it can be noticed that there is a need to clarify with the parents the goals of early childhood education, breaking with the paternalistic idea that still persists in child care. So, were triggered actions aimed at effective participation of parents in the school life of their children; also sought support parents to modify their initial understanding of the functions of the educational service school in childhood.

Keywords: Representation. Pedagogical work. Parent-School Relationship.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| MEMORIAL ACADÊMICO..... | 7 |
| FORMAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E ATUALIZAÇÃO..... | 8 |
| REPRESENTAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL | 10 |
| O CAMINHO DA PESQUISA..... | 15 |
| OS SUJEITOS, SUAS REPRESENTAÇÕES E OS ACHADOS DA PESQUISA..... | 17 |
| OS ENTENDIMENTOS E AS POSSIBILIDADES: discussão dos resultados da pesquisa..... | 19 |
| CONCLUSÕES..... | 25 |
| QUADRO DE AÇÕES..... | 26 |
| REFERÊNCIAS..... | 31 |

Memorial acadêmico

Cursar Pedagogia sempre foi meu grande sonho o qual, graças a meu empenho e dedicação, tornou-se realidade. Foram oito semestres de grandes aprendizagens pessoais e profissionais que em muito contribuíram e ainda contribuem em minha formação. Várias foram as dificuldades encontradas no início de minha trajetória acadêmica, mas cada uma delas foi recompensada. A cada semestre cursado, minha certeza de que tinha escolhido o caminho certo para mim se renovava. Certeza esta que foi consolidada no momento da realização do estágio, momento de reflexão crítica e de pôr em prática os conhecimentos adquiridos, não de aplicar um conhecimento teórico, mas de articulá-lo em estratégias de atuação, momento de vivenciar teoria e prática alicerçando de forma consciente as ações desenvolvidas e de realizar um trabalho com sentido e significação tanto para mim quanto para meus educandos, uma vez que, juntos estávamos construindo conhecimentos.

Tive a oportunidade de realizar o estágio em uma escola municipal de Santa Maria, com total autonomia e apoio das professoras regentes da escola, assim como de toda a equipe diretiva. Hoje, cheia de orgulho e satisfação, posso afirmar que sou Pedagoga formada na Universidade Federal de Santa Maria e atuo com turmas de Educação Infantil nos municípios de São João do Polêsine e Agudo, RS. Embora minha formação seja em Pedagogia Licenciatura Plena optei por dedicar-me à Educação Infantil por entender que este nível de ensino me traz satisfação pessoal e profissional.

Acredito que a formação adquirida no Curso de Graduação em Pedagogia constitui uma etapa muito importante e significativa em meu processo formativo, o qual passou a ser um processo contínuo, constantemente refletido, repensado e aprimorado na busca de uma melhor qualificação profissional. Entendo que a formação profissional do docente não se limita apenas à graduação, nem tampouco acaba no momento em que este recebe seu diploma, mas compreende toda a carreira docente. Assim sendo, acredito que o professor deve estar sempre num processo de auto-formação, de reelaboração de saberes, confrontando suas certezas ou incertezas às suas experiências e às novas vivências que vão ocorrendo no exercício e na prática da profissão, bem como compartilhando saberes e experiências com outros profissionais da área e realizando cursos em nível de Pós-

graduação. Desta forma, defendo que o conhecimento vai sendo construído ao longo de toda vida, sendo fruto daquilo que vivemos, dividimos, praticamos, reproduzimos e criamos com as informações que recebemos, constituindo-se na síntese dos modos pelos quais observamos, apreciamos e agimos sobre o mundo.

Entendo que os Cursos de Graduação mostram de maneira bastante ampla os diversos campos possíveis de atuação profissional, o que nos possibilita escolher um campo com o qual nos identificamos para realizar um aperfeiçoamento profissional.

Formação, aperfeiçoamento e atualização

Acredito que os conhecimentos acadêmicos adquiridos nos cursos de formação de professores por si só, não são suficientes como instrumentos de formação profissional, assim como a prática escolar isolada não é capaz de promover conhecimentos amplos e de maneira reflexiva sobre a realidade educacional escolar consolidada pela rotinização imposta pela cultura escolar. Sendo assim, penso ser essencial a todo professor buscar um constante aperfeiçoamento por meio de cursos de especialização, nos quais os conhecimentos advindos das teorias e demais cursos de aperfeiçoamento sirvam para esclarecer e favorecer os propósitos educativos, alicerçando de forma intencional e consciente as ações desenvolvidas em sala de aula ou fora dela.

Desta forma, o professor deve buscar o desenvolvimento de uma prática comprometida com o saber estabelecendo uma articulação entre teoria e prática condizente com a realidade na qual atua. Entendo, assim, o professor como um formador que deve estar sempre em formação. Formação entendida não só como uma atividade de aprendizagem e construção de saberes, mas, também, como um ato essencial da construção de si.

Os estágios, cursos de extensão, participação em seminários, congressos e simpósios constituem-se em momentos de formação, de trocas de experiências e de aprendizagens. Acredito que a formação profissional tem um início que pode ser a graduação, ou ainda antes desta, mas nunca tem um fim, pois sempre temos algo novo para aprender.

Realizar um Curso de Pós-graduação é dar continuidade, aprimorar conhecimentos e descobrir, criar e recriar novas aprendizagens. Pensando assim,

logo após minha formação inicial em Pedagogia, realizei Pós-graduação em Gestão Educacional buscando sempre a construção de conhecimentos significativos em meu trabalho enquanto docente e que me auxiliassem a participar de maneira crítica e autônoma no processo de gestão educacional. Não queria ser apenas mais uma na escola. Queria sim, ter capacitação, formação e conhecimentos com embasamento para sustentação de minha prática, os quais pudessem me auxiliar a participar de maneira crítica e autônoma no processo de gestão educacional. Por isso escolhi realizar o Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional, pois acredito que compreender o funcionamento da escola possibilita ao professor recém-formado o desenvolvimento de um trabalho melhor elaborado, adequado ao Projeto Pedagógico da escola e a realidade local da comunidade em que o educandário se situa.

Desde que me formei, no ano de dois mil e oito, atuo em sala de aula e, a cada dia, me realizo como pessoa e como profissional. Tenho um verdadeiro encanto pela Educação Infantil e pela profissão que escolhi. Atualmente, vivo um momento de realização pessoal e profissional muito significativo, a conclusão da Especialização em Docência na Educação Infantil, o curso mais expressivo que realizei até então, porque está diretamente relacionado com minha prática docente.

A escolha pelo Curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Infantil se deu em especial por eu perceber a necessidade de ampliar e aprofundar conhecimentos relacionados às especificidades das crianças atendidas na educação infantil e às práticas pedagógicas. Deu-se, também, objetivando uma melhor compreensão das políticas educacionais relacionadas a este nível de ensino a fim de propor e realizar ações que visam à melhoria da qualidade da Educação Infantil no meu local de trabalho.

Neste processo de formação continuada, houve novas aprendizagens as quais já levo para minha atuação cotidiana. Muitos dos estudos realizados nas disciplinas, as conversas em sala de aula, as trocas de experiências com os professores e com as colegas de curso fizeram-me repensar a minha prática e perceber o meu trabalho com outro olhar, um olhar mais crítico e abrangente que engloba também a representação do meu trabalho, do trabalho desenvolvido na Educação Infantil, a representação desse trabalho para a comunidade escolar, de modo específico, para os pais dos alunos.

Representação, participação e Educação Infantil

Entender a(s) representação(ões) que os pais dos alunos de Educação Infantil têm sobre o trabalho realizado com as crianças tornou-se meu foco de interesse e pesquisa. Isso porque, ao longo de minha trajetória profissional, tenho encontrado, de um lado, pais preocupados, participantes e envolvidos com a escola e com o desenvolvimento de seus filhos (respondendo de forma positiva à abertura que a escola proporciona com relação à participação dos mesmos); e de outro, pais totalmente ausentes e que, apesar de todo esforço da equipe gestora e professores, parecem não entender o real sentido da Educação Infantil e a importância da mesma na vida das crianças. Estes pais deixam de usufruir um direito legal que lhes é assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº8069/90) o qual, no capítulo IV (Do direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer), Parágrafo único, define como direito dos pais ou responsáveis “ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”.

Em função da participação familiar mínima e até mesmo precária nas atividades/vida escolar das crianças, o entendimento sobre a relevância e o sentido da Educação Infantil na vida dos filhos tem reforçada a ideia assistencialista, cuja prevalência se mantém para muitos pais. Pude perceber, ao longo de minha atuação docente, a atitude de pais em relação à demanda da escola. Muitos não comparecem às reuniões, tampouco buscam os pareceres dos filhos, não passam o portão da escola para saberem como está seu filho, sequer dão algum retorno à mesma. Não raro ouvimos mais reclamações pelo fato de a escola realizar recesso escolar. Segundo as mães, elas necessitam de um lugar para deixar seus filhos pois precisam trabalhar e, com este motivo colocado em primeiro plano para a função da Educação infantil, dão destaque e reforçam muito as práticas assistencialistas em detrimento às educativas. Isto sempre me incomodou e deixou intrigada; há uma super confiança por parte dos pais ao nos confiarem seus filhos, ou isso é um desconhecimento/descomprometimento com a vida escolar dos mesmos?

Atitudes como as descritas acima me levaram a questionar não o fato de os pais não comparecerem à escola com a devida frequência, mas a representação do nosso trabalho enquanto professores de Educação Infantil para os pais dos nossos alunos.

Embora se reconheça a complexidade teórica e metodológica acerca deste conceito – representação social – vou manter esta perspectiva no presente trabalho com o objetivo de uma primeira aproximação e exercício neste universo, respeitando seus limites, mas apostando em suas possibilidades. Para tanto, o termo representação será utilizado no decorrer do presente trabalho com base no estudo da teoria das representações sociais de Moscovici (2001; 2009) e Jodelet (2001).

Nas palavras desse autor,

representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. (Moscovici, 2009, p.216).

Ainda de acordo com Moscovici (2009, p.228) as representações são:

Processos, em síntese, que associam constantemente nosso conhecimento comum com nosso conhecimento discursivo e o construto de nossas maneiras de ancoragem cognitiva e cultural. Por conseguinte, de uma maneira concreta, nossas representações, nossas crenças, nossos preconceitos são sustentados por uma representação social específica. Isso se dá através do estabelecimento de relações internas ao discurso, consequentemente relações lingüísticas, mas agindo necessariamente através do jogo de referência entre, por um lado, aquelas que estão orientadas para uma nova leitura semântica das coisas (aquelas que são tematizadas, ou não, e aquelas que são faladas) e, por outro lado, através da escolha feita a cada vez de uma origem particular dada e essas *rotas* de se dizer e se significar. (grifo do autor)

A representação é o processo e o produto da relação entre a atividade mental e a práxis social, de tal forma que Moscovici (2001) reconhece que a representação social é um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais. O universo das representações sociais é o universo consensual, sendo que a linguagem desempenha um grande papel, facilitando associações de idéias, reconstruções de regras e de valores em que o conhecimento passa a ser, simbolicamente, conhecido. Jodelet (2001) acrescenta que a representação social constitui-se a partir das experiências, dos conhecimentos, das informações e dos modelos de pensamentos transmitidos, cotidianamente, através da tradição, educação e comunicação social.

Penso que construímos representações a respeito do que somos e das ações que desempenhamos, e, quer queira ou não, sobre o que os pais pensam, esperam, imaginam com relação as atividades que cotidianamente desempenhamos com seus filhos.

Acredito que entender essas representações pode ajudar o coletivo da escola a desenvolver ações que levem ao entendimento dos pais e comunidade em geral sobre os objetivos, ações e metas da Educação Infantil, favorecendo para que se tornem assim, mais participativos e atuantes na vida escolar de seus filhos. Educação esta, que ao longo de sua história vem passando por significativas transformações em termos pedagógicos e qualitativos. Acredito que um entendimento claro leve ao despertar de uma consciência coletiva (escola, comunidade, sociedade) de que a escola de Educação Infantil está longe de ser um espaço de favorecimento aos pais; antes de tudo deve ser compreendida como um local de aprendizagem, promoção e desenvolvimento integral da criança em seus aspectos afetivo, cognitivo, linguístico; espaço de socialização e garantia de direitos, de desenvolvimento global das crianças de zero a seis anos de idade.

Entendendo a educação e a escola como um direito da criança, defendo que a escola de Educação Infantil (creche e pré-escola) deva constituir-se como um espaço privilegiado para a criança, onde esta tenha seus direitos consolidados. Do mesmo modo, penso que a qualidade na Educação Infantil perpassa, entre outros aspectos, pela parceria entre a instituição educativa e as famílias, com base no diálogo, aceitação, acolhimento e respeito aos saberes individuais e coletivos de crianças, pais e professores.

A história do atendimento a Educação Infantil no Brasil se faz ligado à concepção de infância, a questão familiar, ao trabalho feminino e ao assistencialismo. Lentamente está ganhando espaço e relevância no cenário educacional brasileiro. Pensar a Educação Infantil (creche ou pré-escola) como um direito da criança é algo, pode-se dizer recente e, muitas vezes, incompreendido em nossa sociedade, pois a prevalência da ideia assistencialista em muito se faz presente na Educação Infantil. Com esta visão, muitos pais procuram a escola não pensando diretamente em seus filhos, mas em alguém que possa os cuidar enquanto trabalham.

A concepção da Educação Infantil como direito das crianças é uma conquista dos movimentos sociais; reconhecer a criança na condição de sujeito social, cidadão de direitos, conhecer e valorizar sua cultura implica, da mesma forma, considerar a família e o contexto em que esta se faz inserida, sendo a um só tempo produto e produtora de cultura.

Talvez, por isso, seja tão emergente analisarmos e reconhecermos a representação do nosso trabalho, enquanto professores de educação infantil, dentro do espaço escolar frente aos pais das crianças.

Sanches (2003, p.69), ao tratar sobre a Educação Infantil, esclarece que: “A Constituição de 1988 confirma a creche como instituição educativa, um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado (artigo 208, inciso IV)”. No ano de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9394/96) dedica três de seus artigos à Educação Infantil (Artigos 29, 30 e 31). No artigo 29, define a Educação Infantil como sendo a “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. A partir do reconhecimento pela LDB da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, outras questões relativas à área ganharam relevância, tais como a formação do professor para atuar e políticas específicas para este nível educacional.

A Emenda Constitucional nº 53, de 2006, define a garantia da Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças até cinco anos de idade. Mais recentemente, no ano de 2009, a Resolução do Conselho Nacional de Educação, Resolução número 05, de 17 de dezembro, a qual fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), apresenta a definição de criança como: “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (DCNEI, p. 12). Esta mesma resolução (p.15) determina a obrigatoriedade à matrícula na Educação Infantil das crianças que completam quatro ou cinco anos até o dia trinta e um de março do ano em que ocorrer e referida matrícula, tendo os municípios, os principais responsáveis por este nível educativo, até o ano de dois mil e dezesseis para se adequarem a esta nova determinação.

Pensar a Educação Infantil é também pensar a educação como um todo, uma vez que o trabalho que desenvolvemos na escola da criança de até 6 anos é um trabalho que não é estanque, ou com objetivos em si mesma; ele envolve conhecimentos específicos da área educacional, social, afetiva, entre outros; ele envolve nosso conhecimento pedagógico, o entendimento sobre o ser criança, o

desenvolvimento e o aprendizado da mesma. Portanto, é um trabalho que vai além dos “muros da escola”. Neste sentido, entendemos que é um trabalho que requer a participação da família, embora por vezes, a mesma se mostre um tanto apática e pouco participativa na vida escolar das crianças. No intuito de resgatar a família, seus valores, seu compromisso com a educação de seus filhos em contexto escolar¹ com participação mais efetiva também se faz necessário analisar a representação que esta elabora sobre o nosso fazer dentro da escola. Afinal, se os pais confiam seus filhos ao nosso trabalho não haveria ou não deveria haver motivo para eles se distanciarem da vida escolar dos mesmos ou não se fazerem tão presentes.

A fim de desenvolver a presente ação e como meio de se atingir os objetivos da mesma, foi proposto por mim e respondido pelos pais ou responsáveis pelas crianças que frequentaram o Maternal I e II, no ano de 2012², um questionário que servirá para análise e compreensão do que os mesmos pensam a respeito do trabalho pedagógico. Desta forma, o tema deste trabalho está centrado no entendimento dos pais sobre o trabalho desenvolvido com as crianças de uma turma mista em idades, Maternal I e II (crianças de dois e três anos) em uma Escola de Educação Infantil - EMEI (creche e pré-escola) da rede de ensino municipal da cidade de São João do Polêsine (RS) no ano de 2012. A problemática abordada pode, então, ser assim apresentada: O que entendem/buscam os pais e/ou responsáveis com o trabalho da Educação Infantil ao matricularem seus filhos na escola?

Deste modo, para se atingir o objetivo geral que é o de *analisar os entendimentos que os pais e/ou responsáveis apresentam acerca do trabalho desenvolvido com crianças pequenas numa escola de Educação Infantil*, foram traçados os seguintes objetivos específicos: *entender as concepções e expectativas sobre a Educação Infantil para os pais das crianças da EMEI; analisar quais são as condições que contribuem para estas concepções acerca do trabalho realizado na Educação Infantil; situar, à luz das orientações da Política Nacional da Educação Infantil, as funções e concepções acerca da mesma; propor alternativas de interação entre pais e educadores que visem aproximar e esclarecer, junto à comunidade escolar, os objetivos e a finalidade da Educação Infantil.*

¹ Termo usado não no sentido escolarizante, mas de instituição educacional.

² Ano este em que o presente trabalho começou a ser desenvolvido.

O caminho da pesquisa

As formas e as estratégias utilizadas para alcançar os objetivos traçados na elaboração do trabalho, seguiram a abordagem qualitativa de pesquisa. Essa postura metodológica, por sua vez, vem em oposição à tradição positivista de pesquisa que traz uma rigidez na forma de ver e organizar o universo, reduzindo, com isso, as formas de conhecimento existentes.

Na abordagem qualitativa, segundo Bogdan e Bicklen, a principal forma de obtenção dos dados é a descrição. Para os autores, “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (1994, p.48). Este tipo de investigação permite ao pesquisador observar os fatos de maneira mais próxima. O objetivo maior está relacionado ao processo todo e não apenas ao resultado final. O que se almeja é a compreensão dos fatos a partir do ponto de vista dos sujeitos da investigação, e as informações coletadas não visam à confirmação de hipóteses anteriormente elaboradas.

Deste modo, o trabalho aqui apresentado caracteriza-se como uma pesquisa do tipo estudo de caso, pois se valoriza a descoberta de questões específicas e não a comprovação de hipóteses anteriormente elaboradas. De acordo com Triviños (1987), o estudo de caso constitui uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente e cujos resultados são válidos apenas para o caso específico estudado, não podendo generalizar-se. O que pode ocorrer é a formulação de hipóteses que poderão originar novas pesquisas.

O estudo de caso é uma categoria típica de pesquisa qualitativa em que “o foco de exame pode ser uma escola, um clube, uma associação de vizinhos, [...]”. Agora não é a organização como um todo o que interessa, senão parte dela.” (TRIVIÑOS, 1987, p.135). Com relação às características da pesquisa do tipo estudo de caso, Ludke e André destacam que:

Os estudos de caso visam à descoberta; [...] enfatizam a ‘interpretação em contexto’; [...] procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (1986, p.18).

Para a produção dos dados deste trabalho foi analisada, também, a ficha de matrícula de cada criança desta turma mista, além do questionário respondido pelos

pais ou responsáveis pelas crianças que frequentaram a turma em questão. O questionário pode ser classificado, conforme Thiollent (apud Haguette, 1992), como uma entrevista dirigida ou padronizada, que consiste na aplicação de um instrumento predeterminado com uma maioria de perguntas fechadas e sem nenhum papel ativo do entrevistador.

Optou-se por estes dois instrumentos como fonte de dados - ficha de matrícula e questionário - para a produção de dados uma vez que um complementa o outro. O primeiro traz informações relativas ao contexto sociocultural e familiar da criança, organização familiar, escolarização de seus membros. Com este foi possível observar que as famílias são compostas por trabalhadores assalariados e sem escolaridade superior. O segundo instrumento de pesquisa apresenta questões específicas relativas ao problema/tema da mesma.

Para a análise das informações coletadas seguiu-se as orientações de Ludke e André (1986) para quem, a leitura atenta do material coletado deve servir para destacar os principais achados da pesquisa, organizando-se assim uma classificação das informações de acordo com os seguintes passos: imersão completa no material; sucessivas leituras; releitura e exame dos dados coletados através do mapeamento e sinalização das recorrências existentes nas respostas obtidas. Logo após, as categorias serão relacionadas para formar conceitos mais abrangentes, e as ideias muito amplas são subdivididas a fim de facilitar a composição e apresentação das informações. Após esta classificação e organização das informações apresentam-se, de forma clara e coerente, as informações coletadas.

A partir da categorização dos dados torna-se possível abstrair informações, estabelecer conexões e relações que irão possibilitar “novas explicações e interpretações” ou o “levantamento de novas questões e questionamentos que precisarão ser mais sistematicamente explorados em estudos futuros” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.48-49).

Em suma, os procedimentos metodológicos utilizados, ou seja, as formas de proceder fundamentaram-se na abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, pois se acredita que por meio deste tipo de pesquisa é possível o desenvolvimento reflexivo com elementos necessários a auxiliar o pesquisador na compreensão da realidade investigada. A escolha da metodologia apresenta um significado especial

uma vez que, todo o trabalho passou a ser norteado por esta, desde a sua estruturação inicial até a análise final dos resultados.

Conhecer o contexto sócio histórico cultural significa conhecer o ambiente no qual a escola se insere. É de praxe e de direito que a escola e as ações desenvolvidas pela mesma estejam em consonância com a comunidade na qual está inserida. Escola e família devem “falar a mesma língua” e isso só será possível se uma não for estranha à outra. Nesse sentido, são de suma importância os instrumentos utilizados na coleta de dados, ou seja, o questionário e as fichas de matrícula.

Tendo o conhecimento da realidade que circunda a escola torna-se possível propor ações que sejam significativas e capazes de envolver os pais, uma vez que é a realidade vivenciada pelos mesmos e não uma realidade idealizada que envolve a escola.

Os sujeitos, suas representações e os achados da pesquisa

A fim de preservar a identidade dos sujeitos participantes da referida pesquisa (pais ou responsáveis por crianças matriculadas e que frequentaram a turma mista maternal I e II), os mesmos não são identificados pelo nome ou por qualquer referência que possibilite uma associação desse tipo. Ao longo do trabalho, será utilizada a letra “P” e a correspondente numeração de 1, 2, 3,... em representação a quem respondeu a pesquisa. Para a representação dos sujeitos são utilizados letra e número (**P** – participante da pesquisa e a correspondente numeração de 1, 2, 3). Assim: **P 1** - participante 1; **P 2** - participante 2, e assim por diante.

Feita a coleta e categorização dos dados, parti a seguir, para a análise dos mesmos, utilizando os pressupostos da metodologia qualitativa de pesquisa. Os dados coletados foram organizados em categorias provenientes de sucessivas leituras dos mesmos; o mapeamento e a sinalização das recorrências existentes nas respostas contidas no questionário é fator determinante para a categorização dos dados. Assim, com os dados coletados foram estabelecidas categorias de análise referentes ao entendimento dos pais sobre o trabalho desenvolvido na Educação Infantil, e estas emergiram das respostas dadas a cada pergunta do questionário. Nesse sentido, é apresentada, na sequência do texto, a pergunta e as respectivas categorias geradas, seguindo-se de uma análise pautada no que diz a legislação

referente à Educação Infantil: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e em autores que tratam a questão da Educação Infantil e do trabalho do professor em suas obras (SANCHES, 2003, WADAS e SOUZA, 2000). É conveniente destacar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil são hoje o documento norteador, junto a LDB, na consolidação dos direitos das crianças à uma Educação Infantil de qualidade.

A primeira pergunta do questionário foi elaborada pensando na expectativa dos pais sobre o trabalho que a professora desenvolve junto às crianças da turma em estudo.

Qual ou quais o(s) motivo(s) que o levaram a matricular seu/sua filho(a) na Educação Infantil?

Categorias Geradas:

1. Trabalho dos pais (professora como cuidadora)

P1; “Primeiro por causa do meu trabalho”³.

P4; “Bem porque o colégio é perto de casa é um ótimo colégio”.

P6; “Preciso de alguém que cuide dela pra mim trabalhar e as professoras cuidam bem”.

2. Convivência com os pares (demais crianças)

P1 - “(...) para ele interagir com outras crianças, aprendendo a dividir, e saber brincar com mais pessoas e não só os de casa”.

P2 - “Aprender a conviver com outras crianças. Regras de convivência/dividir. Desenvolvimento psicossocial”.

P3 - “Para o aprendizado, conviver com outras crianças, aprender a emprestar os brinquedos (...)”.

3. Alfabetização ou preparação para o Ensino Fundamental

P2 - “Início da alfabetização”.

P3 - “conhecer as letras do alfabeto e os números”.

A partir das respostas obtidas, pode observar que os pais entendem que a criança será, de certo modo, apenas cuidada na escola enquanto os mesmos estão

³ As respostas foram transcritas sem nenhuma alteração gramatical na escrita dos pais.

trabalhando. Também dá para perceber que usam termos próprios da escola que tiveram – de Ensino Fundamental e Médio - sem uma diferença para tratar da escola de Educação Infantil frequentada pelos seus filhos; a principal categoria é a referência às necessidades dos adultos (no caso os pais) – como distância da casa, porque trabalham (P1 e P6). É importante salientar que o cuidado é parte integrante e não o todo do processo pedagógico como deixa transparecer P6. Hoje, não apenas o cuidar se faz presente no atendimento à criança, em especial à que frequenta a creche, embora para alguns pais seja este cuidado que buscam ao matricularem seus filhos.

A integração de creches e pré-escolas ao sistema de ensino torna o ato de cuidar e de educar indissociáveis no espaço escolar infantil, assim como o brincar, tão importante nesta fase da vida da criança. As DCNEI, em seu artigo 8º, § 1º, I, enfatizam que as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem assegurar a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como indissociável ao ato educativo. No entanto, o que se percebe nas respostas dos pais é que o cuidar se sobrepõe ao ato educativo, de tal forma que esse último nem é mencionado nas respostas. Além disso, a proximidade à escola é outro fator mencionado nas respostas. Fica explícito que a proximidade da casa foi um fator importante na opção por matricular a criança na escola.

Os entendimentos e as possibilidades: discussão dos resultados da pesquisa

A partir das respostas obtidas pode-se observar que há um entendimento de que o **convívio com outras crianças** favorece o seu desenvolvimento social (interação com outras crianças), aprender a dividir e a brincar com mais pessoas (P1); aprender a emprestar brinquedos (P3). É visível um entendimento por parte dos pais de que o convívio em grupo favorece o desenvolvimento da criança, desenvolvimento este perceptível ao longo do tempo. Destaca-se aqui, a aceitação de que é importante criança brincar com criança e isto a escola proporciona, sobretudo, com a mediação de um adulto que não é nem pai, nem mãe, mas a professora.

Com as resposta obtidas observei que há pais que entendem a Educação Infantil como uma etapa de **preparação para o Ensino Fundamental**. O trabalho

pedagógico desenvolvido na Educação Infantil, em especial com as crianças de zero a três anos (crianças que frequentam a creche) fundamenta-se em práticas específicas que visam o desenvolvimento infantil por meio da ludicidade e da interação com as demais crianças, criando assim, uma identidade própria à Educação Infantil e não de etapa preparatória para o Ensino Fundamental. As DCNEI ressaltam que a frequência à Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental.

A própria LDB, em seu artigo 31 que trata sobre a questão da avaliação, enfatiza não haver na Educação Infantil o objetivo de promover a criança, “mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental”.

A pergunta 2, por sua vez, foi elaborada com o intuito de se observar/entender a perspectiva e a expectativa dos pais no aprendizado de seus filhos, e foi assim apresentada: **O que você espera que seu filho (a) aprenda/desenvolva na educação infantil?**

Com base nas respostas obtidas foram estabelecidas três categorias de análise:

1. Desenvolvimento social e intelectual.

P1- “O que eu espero, já está acontecendo, ele desenvolveu bastante, conversa claramente com a gente, conta bastante história, sabe dividir qualquer coisa e com qualquer pessoa e, principalmente aprendeu as palavrinhas mágicas (obrigado, com licença e por favor).

P2- (atividades não explícitas). “Espero que contribua no desenvolvimento dela para que no futuro ela desempenhe suas atividades com êxito”.

2. Conhecimentos escolares prévios.

P3- “(...) conhecer as letras e números pois quando ir para o colégio ela vai ter uma noção.”

P6- “(...) aprenda as letrinha pra escrever, aprenda a contar.

3. Respostas vagas/ imprecisas.

P4- “De tudo, mas educação é tudo.”

P5- “Espero que ele aprenda muitas coisas boas como ele já aprendeu e tem se desenvolvendo muito bem estou gostando muito.”

A perspectiva do desenvolvimento social e intelectual se mostra bastante presente nas respostas dos pais que declararam observar esse desenvolvimento nas atitudes e gestos dos filhos, como, por exemplo na conversa, no recontar histórias, divisão de objetos. Os pais se mostram bastante satisfeitos com o desenvolvimento dos filhos.

Há pais que entendem, de modo equivocado, a Educação Infantil como sendo um pré requisito, uma preparação para o Ensino Fundamental, de forma que os mesmos afirmam que na Educação Infantil os filhos aprendem as letras, os números, que são habilidades cobradas no Ensino Fundamental. É perceptível que há uma distorção ou um não conhecimento por parte dos pais dos princípios da educação Infantil, em especial das crianças que frequentam o maternal. Mas também entendo que tal entendimento advêm de uma vivência na qual o ensino formal de letras e números é algo comum e, muitas vezes, o único objetivo pedagógico desta etapa escolar. Do nosso posicionamento teórico, afirmamos que não se estará negando à criança este aprendizado de letras e números na Educação Infantil, mas em especial no nível do maternal não haverá esta cobrança, uma vez que este não é o propósito.

Talvez, por um lado, na ânsia de dar uma resposta à professora/pesquisadora, alguns pais forneceram respostas vagas e imprecisas. Por outro lado, o que chama atenção é o sentido amplo e, portanto, impreciso dado ao termo educação (P4). O que se pode entender por educação nesse contexto? Educação é tudo o quê? Seria a educação formal? Informal? É apresentado como resposta um discurso vazio de sentido e, ao mesmo tempo, a indicação de que à escola é atribuído o papel da educar formalmente (desenvolvimento de conhecimentos pedagógicos) e informalmente (bons modos, bom comportamento, limites, respeito). Embora a escola seja o local social e ideologicamente destinado ao ensino formal, tem-se criado um imaginário de que à escola cabe a educação da família.

Com a pergunta 3 - **Você considera importante seu filho(a) frequentar a Educação Infantil? No que isso contribui no desenvolvimento dele (a)?** - foram

obtidas respostas que geraram categorias bastante semelhantes às das questões 1 e 2. **Convivência com os pares (demais crianças) (categoria 2, questão 1). Desenvolvimento social e intelectual e conhecimentos escolares prévios (categorias 1 e 2, questão 2). No entanto buscou-se entender a contribuição da Educação Infantil no desenvolvimento das crianças.**

1- Grupo/Convívio em grupo/ Desenvolvimento social.

P1- “Sim, para ele é muito importante porque lá ele desenvolve muitas atividades em grupo que é muito bom a criança trabalhar em grupo. Assim ele cresce não só pensando nele, mas sim no que está ao redor dele também”.

P2- “Sim. A criança aprende a conviver/ser”.

P5- “Considero muito importante freqüentar a Educação infantil, contribui no desenvolvimento da criança com as professoras a aprendem muito a se respeitar uns aos outros apesar que a gente ensina em casa também.”

2-Aprendizado de modo geral.

P3- “Sim, claro. Contribui no seu aprendizado”.

3-Preparação para o Ensino Fundamental.

P4- “Contribui para o desenvolvimento para as séries seguintes”.

P6- “Sim pra ela aprende pra sabe quando vai no colegião⁴.”

A partir das respostas obtidas à terceira pergunta, foi possível perceber que a questão da socialização se mostra bastante presente onde se citam expressões como “trabalhar em grupo”, “aprender a conviver”. O que chamou minha atenção nas resposta obtidas é a referência feita às professoras, primeira vez que isso acontece . No entanto, a referência não é feita diretamente ao trabalho das mesmas, mas à convivência das professoras com as crianças. Mais uma vez, a relação que se estabelece parece se pautar muito mais no cuidar e acompanhar, uma

⁴ Expressão usada como referência à Escola Estadual de Educação Básica (maior escola na cidade), para onde vão muitas das crianças ao término da Educação Infantil e estudam até o final do Ensino Médio.

complementação do que é ensinado em casa (“apesar que a gente ensina em casa também”) do que no trabalho pedagógico.

Quanto à pergunta 4 - **O que representa para você o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil?** - foram elaboradas as seguintes categorias:

1. Noções espaço temporais/atividades.

P1- “Muito bom! Porque com ele meu filho desenvolveu muitas coisas, como a ter noção de espaço e tempo, principalmente no desenvolvimento com interesse nas diversas atividades.”

2. Início da alfabetização.

P2- “Representa o início da alfabetização”.

3. Respostas vagas.

P3- “Muito bom, pois ajuda as crianças”.

P4- “Ótimo para ela”.

4. cuidados (a professora como “babá de luxo”)

P5- “O trabalho das professoras representa muita coisa na Escola infantil, elas tratam bem as crianças e quando estão doente ligam pra gente ir no colégio ver o filho que está doente ou com febre.”

Identifica-se aí, que a imagem do professor de Educação Infantil ainda está sendo marcada pela imagem da ‘jardineira’, aquela que cuida das plantinhas (Wadas e Souza, 2000, p.322). Levando-se em consideração as respostas dadas pelos pais no questionário, podemos perceber que eles pouco conhecem do trabalho da professora de seus filhos. É importante salientar que todo o trabalho desenvolvido com as crianças possui uma intencionalidade, uma proposta para essa faixa etária; proposta esta que procura potencializar a atividade da criança para que haja o favorecimento de sua autonomia, da sua independência, da sua criatividade, do seu desenvolvimento integral e da apropriação de um saber obtido através do conhecimento, habilidades, normas, e hábitos. Toda essa proposta tem um planejamento prévio, embora não seja fechada ou fixa, uma vez que devem ser levadas em consideração as intervenções de ajuda e a valorização das atividades

realizadas pelas crianças. Todo esse trabalho é fruto do conhecimento profissional, do processo de formação contínuo, ou seja, fazem parte de um contexto educacional.

O que estas respostas dos pais me leva a pensar é por que há este distanciamento entre o que o/a professor(a) julga correto e adequado ao seu trabalho e o que os pais entendem, esperam ou percebem do trabalho realizado! Sobretudo, me desafia a refletir sobre a comunicação entre estes adultos – pais/mães e professores – e estes dois universos - a casa/família e a escola.

Quando feita a pergunta 5 - **Você percebe alguma mudança em seu filho(a) que possa estar relacionada a frequência dele (a) na Educação Infantil?** – as respostas obtidas nos permitiram destacar as seguintes categorias:

1. Independência / Socialização.

P1- “Sim! Ele aprendeu a cantar, brincar com várias crianças e dividir coisas e aprendeu a agir mais independente, só pede ajuda quando necessário”.

P2- Sim. A criança fica desinibida em suas atividades diárias.

P5- Sim, ele mudou muito depois que entrou na educação infantil o jeito de tratar as pessoas e os modos com os outros.”

2. Aprendizagem global/linguagem.

P3- “Sim, aprende a conhecer as cores, os animais, letras e números, isso ajuda muito, aprendeu a conhecer histórias infantis, a contar do seu jeito, as histórias que são contadas ela desenha”.

P4- “Sim ela mudou muito, mais comunicativa e mais esperta, mudou muito.”

P6- “(...) Ela gosta de cantar as musiquinha e conversa mais.”

Tais categorias evidenciam a percepção por parte dos participantes da pesquisa que a frequência à Educação Infantil ocasionou mudanças significativas em termos de aprendizagem e socialização.

Com relação à pergunta 6 - **Você costuma ir à escola com frequência para saber como está o desenvolvimento de seu filho(a)?** obtivemos dos

participante três respostas afirmativas (P1; P2; P4), uma resposta “às vezes” (P3) e dois dos participantes não responderam a tal pergunta (P5 e P6).

Conclusões

Como trabalho de conclusão do curso de especialização em docência na Educação Infantil, realizei um estudo sobre “A representação do trabalho pedagógico na Educação Infantil na perspectiva dos pais das crianças de uma turma de maternal”. Nessa pesquisa, através da análise dos dados, pude concluir que a representação do trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças da turma estudada, na perspectiva dos pais, denota duas categorias principais: uma caracterizada por uma visão assistencialista em que o cuidado às crianças está representado nas acepções mais restritas como segurança, menores distâncias para os deslocamentos; a segunda, pautada na escolarização, tendo como referência aquela escola formal do Ensino Fundamental.

A escolaridade restrita dos pais pode ser apontada como um dos fatores que viriam a explicar o entendimento também restrito por parte dos mesmos sobre o trabalho desenvolvido na Educação Infantil. Por isso, se faz necessário esclarecer aos mesmos os objetivos do trabalho desenvolvido para que sejam superadas as primeiras perspectivas – aquelas mais assistencialistas, e não haja distorções.

Enquanto professora de educação Infantil entendo que se fazem necessários esclarecimentos aos pais acerca do nosso trabalho e estes se darão a partir do momento que conseguirmos trazê-los para dentro da escola. Nessa perspectiva, acredito que ações que envolvam a família e a escola deve ser uma prática e não apenas um discurso. E, a fim de que haja a compreensão do trabalho pedagógico desenvolvido por nós, professores, nas escolas e, tendo em vista pouca participação dos pais na vida escolar de seus filhos, me permito propor ações que oportunizem aos pais participação efetiva na escola.

Quadro de ações

| Ações | Participantes |
|-------|---------------|
|-------|---------------|

| | |
|---|---|
| 1. Reuniões na comunidade | Pais, professores e gestão escolar. |
| 2. Reelaboração do Projeto Pedagógico e construção de normas | Comunidade escolar (pais, professores, gestor, monitores, serventes, crianças). |
| 3. Projeto “Sacola da Leitura” | Professores, crianças e pais (família). |
| 4. Projetos pedagógicos que envolvam a participação ativa dos pais | Professores, crianças e família. |
| 5. Textos e folders informativos (Você sabia? Já brincou... Quem inventou...) colados no caderno de recados das crianças. | Professores, crianças e pais. |
| 6. Dia da família na escola com o resgate de práticas sociais | Professores, crianças e comunidade escolar |
| 7. Chá das mães (brincadeiras, conversa informal; as mães foram convidadas com outra finalidade a estarem na escola) | Professores, crianças e mães. |
| 8. Receitas das mães ou avós (despender um tempo para buscar/procurar uma receita e enviar para a escola; confecção do caderno de receitas) | Crianças, mães ou avós e professores |

Levando-se em consideração os dados obtidos no presente trabalho, pode entender que há a necessidade de os pais participarem ativamente, através de reuniões entre si mesmos, e com a gestão da equipe escolar, com diálogo e escuta de ambas as partes, desde a elaboração das normas e regras a serem seguidas pelas crianças até aquelas a serem propostas à comunidade escolar, a fim de que escola e família caminhem juntas, em consonância com os mesmos princípios e valores entendidos por ambas as partes. Além disso, há a necessidade da colaboração dos pais na reelaboração do Projeto Pedagógico da escola.

Nesse sentido, as ações propostas vão ao encontro de atividades e projetos que envolvem os pais no fazer cotidiano da escola a fim de que estes entendam que a Educação Infantil é um nível de Ensino e não um programa de assistencialismo infantil. Acredito, portanto, que clarificando os aspectos relacionados ao contexto da Educação Infantil estarei contribuindo para a formação não só dos meus alunos, mas também para o meu próprio aperfeiçoamento profissional e para a melhoria da qualidade da Educação Infantil na dimensão da participação ativa dos pais na vida escolar das crianças.

Se os pais não vão até a escola, faz-se necessário um movimento inverso no qual a escola busque a família ou vai até esta, seja por meio de reuniões na própria

comunidade, distribuição de textos informativos, criação e distribuição do jornalzinho ou folders informativos da escola, onde se enfatiza a importância da participação da família na vida escolar das crianças.

Além da reelaboração do Projeto Pedagógico e construção de normas a serem seguidas, está sendo realizado, como alternativa de interação entre pais e educadores, visando uma aproximação de ambas as partes e a participação ativa da família, o projeto intitulado “Sacola da Leitura”. Neste projeto, cada dia uma criança leva para casa uma sacola contendo um livro infantil para ser lido em família, uma caixa de lápis de cor, um lápis de escrever, uma borracha, uma caneta esferográfica, um caderno de desenho para registro de como foi aquele momento (o registro pode ser feito por meio de desenho e escrita). No dia seguinte, é oportunizado à criança um momento para que esta compartilhe com as demais a história e a produção realizada em família. Além do livro, é enviado, também, um pequeno texto, ou artigo de revista de ciência popular ou até mesmo alguma curiosidade relacionada à Educação ou ao desenvolvimento infantil para que os pais leiam e expressem sua opinião a respeito. Recados com informações relativas à Educação Infantil, participação dos pais na escola, curiosidades,... serão colados constantemente no caderno de recados das crianças. Spodek e Sarach (1998, p. 167) salientam em seus estudos que “Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e a aprendizagem na escola e em casa podem se complementar mutuamente”. Por acreditar nessa parceria entre família e escola como forma de se “fazer educação” e de promover a aprendizagem significativa é que me proponho a desenvolver ações como as descritas anteriormente.

Dentre as ações que ainda estão sendo desenvolvidas consta, também, o projeto de resgate, junto aos pais, de brinquedos e brincadeiras de seu tempo de infância. Além de rememorem as brincadeiras, os pais estão sendo convidados a irem até a escola para, junto de seus filhos, confeccionarem jogos e brinquedos artesanais. Com isso, mais uma vez será oportunizada aos pais a participação ativa na escola, não somente na constituição de documentos, normas, regras, reuniões, entrega de pareceres, mas também, de forma mais prática e lúdica, com envolvimento direto na vida escolar de seus filhos.

Nesta mesma perspectiva, uma das ações posta em prática foi o “Chá para as Mães”. As mães foram convidadas a virem até a escola para confraternizarem o seu

dia e vivenciarem uma manhã de atividades junto com seus filhos. As mães puderam “compartilhar” da infância através de brincadeiras tradicionais cuja finalização das atividades se deu com a oferta de um chá especialmente preparado para a ocasião. Como acompanhamento do chá, foram servidas rosquinhas feitas pelas crianças a partir das receitas enviadas pelas próprias mães, após termos trabalhado a história “A Galinha Ruiva”. Neste momento final, aproveitamos para uma conversa informal das professoras com as mães. Esta ação não se estendeu por todo o período da manhã para que as mães pudessem voltar ao trabalho. A atividade foi pensada com esta duração de tempo a fim de que as mães pudessem perceber que “ganharam” tempo junto aos filhos e não “perderam” a manhã de trabalho. Pensou-se assim para que, em uma próxima atividade, haja maior comparecimento, evitando a alegação de que estas estariam “perdendo” uma manhã de trabalho.

Em resposta dada ao questionário, alguns participantes deixaram claro que os motivos que os levaram a matricular seus filhos na Educação Infantil foi justamente o fato de que precisavam trabalhar e, portanto, necessitavam de alguém que cuidasse de seus filhos.

Com as ações postas em prática, espera-se não só uma participação efetiva dos pais, como também, uma compreensão por parte destes quanto aos objetivos e finalidades da Educação Infantil. Dentre estes últimos, propiciar à criança um ambiente que permita vivenciar experiências significativas e que seja considerada a escola como lugar de aprendizagens e experiências de vida. E que estas experiências sejam mediadas pelo convívio e interação entre crianças e professores com participação efetiva da família. Goldschmied e Jackson, ao se referirem a uma conexão entre os dois mundos vividos pela criança, a escola e a família, apresentam como tarefa do educador

(...) organizar um canal de comunicação eficaz entre o lar da criança e o centro da creche. Seu relacionamento com os pais contribuirá muito para determinar a qualidade das experiências da criança; no entanto, ele contém tensões inerentes, que devem ser conhecidas e administradas (GOLDSCHMIED e JACKSON 2006, p. 219)

À escola cabe, neste momento, a tarefa de incentivar cada vez mais os pais a participarem da vida de seus filhos e, do mesmo modo, estabelecer e valorizar uma parceria entre escola e família por meio de um processo de diálogo e participação

constante e consciente em que escola e família juntas complementem o ato educativo.

Em um primeiro momento, faz-se necessário que se rompa com a visão assistencialista e de amparo com enfoque escolarizado. Visão esta pautada no modelo do Ensino Fundamental, pois se deixarmos que se perpetue ainda mais a visão da Educação Infantil como etapa preparatória ao Ensino Fundamental estaremos correndo o risco de se perder a essência e especificidade da Educação Infantil, qual seja: viver a infância por meio de práticas sociais relacionadas ao desenvolvimento integral da criança (corporeidade, afetividade, linguagem e cognição, socialização e cultura) e que tenham como eixos norteadores as interações com o mundo e as brincadeiras uma vez que, ao brincar a criança expressa seus reais sentimentos e necessidades. Não podemos deixar de construir uma identidade própria para a Educação Infantil com suas especificidades e, ao mesmo tempo, passarmos aos pais esta significação. Não só a Educação Infantil, mas a educação como um todo, e a escola de modo específico, precisa ser entendida, valorizada, apoiada e precisa da participação ativa, reflexiva e dialógica dos pais.

Nesse sentido, me amparo nas palavras de Wadas e Souza, no que se refere ao entendimento da existência e funcionamento da instituição escolar:

A escola na dinâmica do imaginário tem uma função simbólica a desempenhar, devendo ser mais que ensino e instituição. É também espaço de maturação social e afetiva, de discussão do sentido da existência, local de aprendizagem, prática e efetiva, da cidadania. A escola tem um sentido para cada elemento que dela faz parte e, esse sentido é construído no coletivo, respeitando as singularidades de cada um. Existe o movimento da escola e este movimento escolar pode ser muito rico em suas diversas instâncias e ações se a instituição souber aproveitar o potencial humano, afetivo, intelectual, no pensar, organizar, decidir e operacionalizar seu planejamento e, necessariamente, precisa ser participativo, se quiser dar vida a essa dinâmica. A escola por si só não existe, não é um monte de tijolos e cimento, não é uma lei, um decreto. É um conjunto de relações, claro, não podemos negar o formal, o burocrático, o material, mas precisamos valorizar todos os elementos que constroem essa Escola, que lhe dão um significado e um sentido como instituição instituinte, porque passa a ter um sentido coletivo e um sentido singular para cada aluno, cada professor, cada sujeito que ali convive. Através da dinâmica escolar, podem-se oportunizar muitos espaços de participação, desde que haja espaço de fala, de comunicação, de estudo conjunto, de diálogo entre os iguais e os diferentes, em sala de aula, na sala dos professores/as e nas demais atividades que precisam ser organizadas em conjunto. Todos esses espaços precisam ser repensados em sua dinâmica e em sua concepção. Se acreditarmos que cada sujeito da escola é capaz de criar, de propor, de construir um caminho, caminho que nunca será igual ao de outras escolas, poderá, então, acontecer a construção de um coletivo, mesmo mantendo

semelhanças porque trabalha com seres humanos criativos e capazes de reconstruir a cada dia sua escola. (WADAS e SOUZA, 2000, p. 318, 319)

Como a educação Infantil cabe ao município, entendo ser de fundamental importância que os gestores, primeiramente, tenham conhecimentos ao menos sobre a especificidade dos objetivos da educação Infantil, uma vez que a educação é sempre discurso certo em suas plataformas de governo. Portanto, defendo que a conscientização sobre o trabalho na educação Infantil precisa, com urgência, ser alcançada pelos gestores públicos, em sequência pelos gestores escolares e professores, comunidade em geral, e aí também se enquadram os pais das crianças, a fim de que não se propaguem discursos simplistas, errôneos sobre o trabalho efetivos que desempenhamos com nossos alunos.

Ter feito a Especialização em Docência na Educação Infantil e o estudo sobre “A representação do trabalho pedagógico, em uma turma de maternal, na perspectiva dos pais” me proporcionou momentos de trocas de experiências e entendimentos para junto dos pais. O desafio a que me propus envolvia também a reflexão crítica do meu fazer docente. Ouvir os pais fez-me entender na prática que escola e família precisam caminhar de mãos dadas. Além disso, consigo perceber hoje que a minha relação com a família dos meus alunos tem se mostrado mais próxima; as afinidades foram se estreitando, assim como a troca de informações e experiências. Consigo perceber que as mães/pais criaram comigo uma relação maior de confiança.

Com o desenvolvimento das primeiras ações outras tantas despontam como alternativas de aproximação entre família e escola. Isso se dá pelo fato de a educação ser um processo contínuo e que envolve vários segmentos sociais.

Este trabalho, que ora se encerra, não terminaria aqui, pois, como pedagoga e ciente das minhas atribuições e responsabilidades frente à educação sei que outros desafios surgirão, os quais terei de enfrentar. Contudo, compartilhar do apoio da família me dá certeza de que estarei trabalhando por uma educação plena.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990)

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 8 março 2013.

BRASIL, Resolução número 05, de 17 de dezembro. **Resolução do Conselho Nacional de Educação**.

BRASIL, **Emenda Constitucional nº 53, de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc53.htm> Acesso em: 8 março 2013.

BOOGDAN, R. C.; BICKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. 4.ed. Porto:1994.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODALET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. 6ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANCHES. E. S. **Creche: Realidade e Ambiguidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SPODEK, B.; SARACHO, O. **Ensinando Crianças de Três a Oito Anos**. Trad. Cláudia O. Dornelles. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WADAS, J. SOUZA, S. R. K. Relembrar é refazer-se: significações do ser professora na Educação Infantil. In: OLIVIRA, V. F. (org.) **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. Unijuí: Ed. Unijuí, 2000.